

artigos

DANIEL BOUCINHA / ESPECIAL / CP



O cantor Ney Matogrosso em ação no espetáculo 'Bloco na Rua', realizado no dia 30 de abril, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre

UM REBELDE PRA CHAMAR DE SEU



André Cauduro D'Angelo. Professor da Escola de Comunicação, Artes & Design (Famecos) da PUCRS.

O New Kids on the Block foi uma das várias boy bands dos anos 1990 que, depois de um período fora dos holofotes, voltou a se reunir para turnês de revival. Em um de seus shows disponíveis no YouTube, os integrantes, agora cinquentões, repetem as coreografias dos áureos tempos – entre as quais uma em que seguram firme a virilha, naquele gesto consagrado por Michael Jackson,

provocando gritinhos histéricos da plateia quarentona. Ao escutá-los, um dos agora old kids não contém o sorriso de quem percebe um certo ridículo na situação: um bando de pais e mães de família se comportando como adolescentes. A imagem me veio à mente depois de assistir ao show de Ney Matogrosso em 30 de abril, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre. Sucesso absoluto de público, a ponto de um repe-

teco já estar agendado para daqui um ano, a apresentação em muitos momentos lembra uma performance cult de idolatria teenage: Ney salta, rebola, se contorce, encara os espectadores languidamente e abre o zíper de seu macacão lantejoulado, mostrando o peito cabeludo – e a galera, às vésperas da terceira idade, delira. É inevitável pensar que Ney virou um cover de si mesmo, uma paródia do ícone contracultural dos anos 1970 e 80. O figurino, o gestual e a reação que provocam tem um quê de déjà vu; formam um conjunto de maneirismos previsíveis bem embalado musical e cenograficamente. Se seus espetáculos do início de carreira tinham gosto de transgressão, hoje não representam mais do que molecagens, tais quais as dos New Kids e de suas fãs. Em boa parte de sua trajetória, sob regime militar e/ou costumes severos, Ney surpreendia por ser andrógino, ostensivo, extravagante – e, claro, por evocar uma sexualidade até ali inclassificável. Hoje, com mais de 20 orientações sexuais e identidades de gênero catalogadas, é alvo de admiração por fazer em cima do palco o mesmo que fazia cinco décadas atrás – com



Em suas memórias ('Vira-lata de raça', Tordesilhas Livros, 2018), Ney lembra que os Secos & Molhados, banda na qual começou a carreira e lançou sua *mise-en-scène* característica, agradava muito às crianças, que não viam malícia nas exposições do grupo, apenas diversão.

corpo em forma e voz preservada, aos oitenta e tantos anos. Assombrosos são seu shape e seu fôlego, não sua coragem. Mais geração saúde e antienvelhecimento, impossível. Fala-se muito que a sina de todo rebelde é virar um conservador. Pouco se lembra que a pretensa contestação repetida *ad infinitum* se torna um auto-complacente cultivo de cacoe-tes, e é um jeito de encaretar também. Ter um estilo ou uma marca pessoal poupa o artista de novos riscos e satisfaz a uma audiência já cativada. Em suas memórias ('Vira-lata de raça', Tordesilhas Livros, 2018), Ney lembra que os Secos & Molhados, banda na qual começou a carreira e lançou sua *mise-en-scène* característica, agradava muito às crianças, que não viam malícia nas exposições do grupo, apenas diversão. Com a turnê de "Bloco na Rua", ele parece voltar ao início; as crianças daquele tempo são os adultos atuais, e ninguém sai do teatro verdadeiramente provocado, desafiado. É tudo somente entretenimento, um tributo às avessas aos primórdios de sua vitoriosa trilha profissional: o vanguardista em cima do palco já não existe mais, mas o público finge que sim.